

Pedro II: Imperador durante meio século

MURILO MELO FILHO

Neste seu último livro, dedicado a “D. Pedro II”, o Acadêmico José Murilo de Carvalho conta a história de um imperador preparado desde criança para suceder ao seu pai.

Ele foi um órfão do Imperador Pedro I, que abdicara do trono e embarcara para Portugal, a fim de enfrentar Dom Miguel, o irmão usurpador.

Foi também um órfão da Imperatriz Leopoldina, que morreu quando ele era um simples bebê.

Foi ainda um órfão do País, que o aclamou Imperador no Campo de Santana, quando ele ainda era uma criança.

E, por último, foi educado numa disciplina espartana, com hora certa para acordar, tomar o café, almoçar, caminhar, jantar, rezar e dormir.

Jornalista, trabalha na imprensa desde os 18 anos. Como repórter político, escreveu centenas de reportagens sobre o Brasil, entrevistou personalidades do mundo inteiro e tem vários livros publicados, entre os quais *O Modelo Brasileiro*, *Testemunho Político e Tempo Diferente*. Membro da ABL (Cadeira n.º 20),

~ O sangue dos Habisburgos

Nesta obra, o Acadêmico José Murilo de Carvalho conta toda a história desse Imperador, que, aliás, como ele mesmo diz, tinha o sangue real dos Habisburgos austríacos, transviado na mestiçagem dos trópicos brasileiros, assumindo o trono no Brasil com menos de 15 anos de idade e nele permanecendo durante quase meio século, durante o qual viu abolidos o tráfico e a escravatura e enfrentou a terrível seca de 1877, consolidando a soberania e a unidade nacionais, com as vitórias militares contra a Argentina de Rosas, o Uruguai de Oribe e o Paraguai de Solano Lopez.

Além de tudo isto, encarou a Questão Religiosa, com a prisão de dois bispos: Dom Vital e Dom Macedo; as revoltas da Cabanagem no Pará; da Balaia-da no Maranhão; da Praieira em Pernambuco; da Sabinada na Bahia; do Vintém, no Rio de Janeiro; dos Liberais em São Paulo e dos Farroupilhas no Rio Grande do Sul.

E que, como Poder Moderador, teve habilidade suficiente para imperar sobre a gangorra entre liberais e conservadores dos gabinetes parlamentaristas, chefiados pelos Marqueses de Olinda, do Paraná e de Paranaguá; pelos Viscondes de Caravelas, Itaboraí, Sinimbu, Cotegipe e Rio Branco; e gabinetes chefiados também por Caxias, Zacarias, Souza Dantas, João Alfredo e Ouro Preto.

~ Eqüidistante das paixões

Durante quase cinco décadas, e das ambicionadas paixões políticas, ele manteve sempre um distanciamento, que não estimulava intimidades ou camaradagens.

Foi muito criticado pelo excesso de liberdade que garantia aos jornalistas, sustentando que se combate a imprensa com ela própria e com mais ninguém.

Era chamado nos jornais de “Pedro Banana”, de “Gênio de bagatelas” e satirizado nas caricaturas de Bordalo Pinheiro e de Agostini como o “Rei Caju”,

por causa do seu queixo proeminente e do seu porte avantajado, com quase dois metros de altura, olhos azuis, barbas prematuramente brancas e longas.

Era um sedento de afeição, solitário e introvertido, que se escondia atrás do cetro e das pompas imperiais, abominando as solenidades, honrarias, etiquetas e ostentações.

Adorava doces, canja de galinha e falava fino, segundo ressaltou o Acadêmico Candido Mendes.

Recebeu lições dos idiomas alemão, árabe, francês, grego, inglês, italiano, latim, tupi-guarani, hebraico, sânscrito e provençal, aulas de dança, esgrima, ópera e música.

~ Tudo leu e anotou

Viveu para estudar e para ler.

Tudo lia e tudo anotava, durante as várias horas diárias e obrigatórias de leitura. Foi um escravo das letras e das ciências e um servo da lei e das suas obrigações.

Casaram-no muito cedo, quando ele tinha apenas 18 anos de idade. Sua noiva, descoberta em Viena, era uma siciliana, de nome Teresa Cristina, irmã do rei das Duas Sicílias. E pior do que isto: quase quatro anos mais velha do que ele, baixa de estatura, algo feia e que mancava de uma perna.

E ele desabafou com sua preceptora, Dona Mariana, protestando: “Enganaram-me, Dadama.”

É bem possível que, talvez por isto mesmo, a Corte de então tenha até se conformado diante da longa paixão mantida por Pedro II com a Condessa de Barral, uma mulher alta, bela e inteligente, por ele chamada de “meu grande amor” e da qual restou vasta e ardorosa correspondência.

~ Lições de austeridade

Deste livro ressaltam, sobretudo, lições de poupança e de economia nos gastos públicos, como as que se seguem, hoje em dia, infelizmente, muito pouco imitadas:

Primeira lição. Apesar das várias propostas do Parlamento, o Imperador nunca aceitou aumento de salário;

Segunda. Em suas comitivas de viagem levava poucas pessoas e numa excursão a Minas, pela primeira vez, levou um repórter, J. Tinoco, do *Jornal do Comercio*;

Terceira. Recusou uma verba de 2 mil contos de réis para ele e de 4 mil contos para a filha Isabel, enquanto Regente, pedindo que “respeitassem o desinteresse de ambos por dinheiro”;

Quarta lição. Reduziu ao mínimo as despesas do palácio, cortando empregos dos mordomos, dos camareiros e da Guarda Imperial.

Quinta. Autorizou o desconto de 25% do seu salário para ajudar no custeio da guerra contra o Paraguai.

Sexta. Aos comerciantes que queriam cotizar-se para erigir um monumento em sua homenagem sugeriu que destinassem o dinheiro para a construção de escolas.

Sétima lição. Já no exílio, proscrito e enxotado do território nacional, como se fosse um bandido; diabético, pleurítico, sonolento e meio desmemoriado – hóspede do modesto Hotel Bedford de Paris e dormindo sobre um travesseiro recheado com areia levada do Brasil – Dom Pedro II rejeitou a ajuda de 5 mil contos dados pelo remorso da República, preferindo fazer, para custear-lhe a doença, um empréstimo pessoal de dinheiro, que foi pago logo depois de sua morte.

~ Saudosos exemplos

Foram estes alguns dos muitos exemplos das sóbrias honradez e dignidade – pontuais e mapeadoras deste livro – que nos deixam muitas saudades, em comparação com a perdulária orgia dos dias atuais, nevoentos e sombrios, com tantas propinas, corrupção, mensalões, sanguessugas e escândalos, revelados sucessivamente todas as semanas e que nos enchem de muita vergonha.

Assim, esta obra vem mesmo a calhar, é lançada neste momento assaz oportuno e deixa-nos, sobretudo – como disse o Acadêmico Cícero Sandroni – muito orgulhosos por termos entre nós o Acadêmico José Murilo de Carvalho, um correto e competente historiador sobre a vida de D. Pedro II, o inesquecível Rei, que traduziu o *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, além de poemas de Dante e de Lamartine, e um amigo de Gobineau, Wagner, Longfellow, Renan, Pasteur, Agassiz, Graham Bell, Alexandre Herculano, Theodore Roosevelt, Joaquim Nabuco e Victor Hugo, que o saudou com as seguintes palavras:

– Sois um grande cidadão e um neto de Marco Aurélio.

Ele foi igualmente um republicano que, segundo José Murilo de Carvalho, até mesmo sem querer, nasceu Imperador.

Segundo Gladstone, foi um governante modelo do mundo.

E segundo o *New York Times*, ele tornou o Brasil tão livre quanto uma Monarquia podia ser, tendo sido também “o mais ilustrado monarca do século”.



“As duas culturas” na ABL

MOACYR SCLIAR

Existe algo em comum entre medicina e literatura? A pergunta é motivada pela constatação de que, ao longo do tempo, não foram poucos os médicos que escreveram (ou os escritores que praticaram medicina). Para ficar só com alguns exemplos, poderíamos citar os nomes de Rabelais, Anton Tchecov, Arthur Conan Doyle, William C. Williams, Somerset Maugham, Louis Ferdinand Céline, Miguel Torga, Lobo Antunes, Jorge de Lima, Peregrino Júnior, Pedro Nava, Guimarães Rosa, Cyro Martins, Dyonelio Machado. Poderíamos também listar textos ficcionais e não ficcionais que falam da doença e da medicina: *O Alienista*, de Machado de Assis, que nos remete à autoritária prática da antiga psiquiatria, examinando o poder médico em particular e o poder em geral; *A Morte de Ivan Illitch*, de Leon Tolstoi, curta e primorosa novela sobre o calvário de um doente terminal; *O Doente Imaginário*, de Molière, uma sátira sobre a arrogância dos doutores no passado; *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, romance ambientado num sanatório para tuberculosos; *Diá-*

Acadêmico, sétimo ocupante da Cadeira n.º 31, eleito em 31 de julho de 2003, na sucessão de Geraldo França de Lima. É autor de mais de 65 livros em vários gêneros: ficção, ensaio, crônica, literatura juvenil.

rio do Ano da Peste, de Daniel Defoe, contando a história de uma epidemia; *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, sobre o preconceito entre médicos; *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo, sobre os dilemas encontrados pelos jovens profissionais; *A Doença como Metáfora*, de Susan Sontag, sobre câncer, tuberculose e Aids; *A Escuridão Visível*, de William Styron, depoimento de um famoso escritor sobre sua depressão.

Há um denominador comum entre a prática médica e a prática literária, e este denominador comum é a palavra. Na medicina, a palavra é basicamente um instrumento de comunicação entre médico e paciente; na literatura é basicamente uma ferramenta estética. Mas, em ambos os casos, a palavra está envolta em uma aura de emoção. Para o médico, a primeira aproximação ao paciente é feita através da anamnese, isto é, do relato do paciente; e aí a palavra que este escolherá para descrever o seu problema tem importância fundamental – como importantes serão as palavras usadas pelo médico para interrogar esse paciente, e importantes as palavras que usará para dar o diagnóstico e o prognóstico. Certas palavras, na verdade, funcionam até como veredicto.

Este papel da palavra era igualmente importante, ou até mais importante, na fase pré-científica da medicina, que começou como uma atividade mágico-religiosa. A doença era então vista como o resultado da ação de demônios ou de maus espíritos que deveriam ser expulsos do corpo enfermo pelo sacerdote ou pelo xamã. Neste processo, palavras mágicas ou sagradas eram frequentemente usadas como parte do ritual de cura. Já a medicina hipocrática, que surgiu na Grécia clássica, via a doença como um fenômeno natural, o resultado do desequilíbrio entre os quatro humores básicos do organismo, o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra. A recuperação do equilíbrio humoral dependia basicamente de medidas higieno-dietéticas. O médico era então basicamente uma pessoa sábia que dava conselhos, de novo veiculados através das palavras. Mas com a modernidade (e sobretudo após o século dezenove) a medicina – graças ao desenvolvimento da anatomia, da fisiologia, da microbiologia, do método experimental e da epidemiologia – adquire foros de ciência. E, como ciência, sofrerá os efeitos do surgimento daquilo que o físico (e escritor) inglês

C.P. Snow denominou “as duas culturas”, e que assim descreveu num famoso texto publicado em 1959:

“Intelectuais e literatos de um lado, cientistas de outro. Entre os dois lados, um abismo de mútua incompreensão, às vezes até de hostilidade. Cada lado tem uma imagem distorcida do outro. Os não-cientistas tendem a pensar nos cientistas como arrogantes... otimistas ingênuos, ignorantes da condição humana. Os cientistas acham que escritores e intelectuais não têm qualquer visão do futuro, que não estão preocupados com os seres humanos e que restringem arte e pensamento apenas a um momento existencial.”

Mesmo assim, e talvez numa tentativa de superar esta clivagem, os médicos continuaram escrevendo. Por quê?

Em primeiro lugar pela óbvia e prosaica razão de que os médicos fazem parte do grupo de pessoas (pequeno em alguns lugares, maior em outros) que, pelo fato de serem alfabetizados e de terem certo nível educacional, estão acostumados ao texto. Textos médicos fazem parte do aprendizado da medicina, uma profissão na qual a comunicação escrita é muito importante. Em segundo lugar, a medicina representa uma valiosa porta de entrada para a condição humana. Na doença, especialmente na doença grave, caem as máscaras e a pessoa se revela como é. Finalmente é preciso lembrar que o exercício da medicina se acompanha de uma inevitável ansiedade, que precisa ser descarregada e elaborada – e escrever pode ser ajuda neste sentido.

Ponderações à parte, é difícil dizer se a literatura está mais freqüentemente associada à medicina do que a outras profissões. Para uma resposta mais precisa, seria preciso fazer um verdadeiro levantamento epidemiológico, comparando grupos profissionais. Isto, contudo, não impede que se cite exemplos da associação entre médicos e escritores, e o presente texto tem exatamente este objetivo. Ele refere-se à presença dos médicos na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Há, na história da ABL, 24 membros formados em medicina. Dezesesseis deles eram professores universitários na área médica (curiosamente, dos seis res-

tantes, três também foram professores, mas em áreas não médicas). Todos exerceram a medicina pelo menos por algum tempo, mas sete acabaram optando por outros rumos.

A entrada de médicos, e de cientistas em geral, na ABL foi marcada por uma polêmica que chegou a seu auge quando da candidatura daquele que foi o fundador da saúde pública brasileira, Osvaldo Cruz. Indicado para a ABL, Osvaldo Cruz concorreu com Emílio de Menezes, a quem derrotou por dezoito votos contra dez.

Em *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira*, a historiadora e brasilianista norte-americana Nancy Stepan classifica Osvaldo Cruz como o fundador da ciência no Brasil, o que não deixa de ser chamativo, já que, na Europa, a revolução científica associou-se a nomes como os de Galileu, Newton, Lavoisier. Mas não resta dúvida de que Osvaldo Gonçalves Cruz foi uma figura histórica notável e, sob muitos aspectos, original. Nascido (1872) na pequena cidade paulista de São Luís do Paraitinga, era filho do doutor Bento Gonçalves Cruz, homem disciplinador, autoritário mesmo, que depois se transferiu com a família para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado por Dom Pedro II membro da Junta Central de Higiene Pública.

Seguindo o exemplo do pai, Osvaldo estudou medicina. Não era um aluno brilhante e não gostava muito de clínica. Mas fascinava-o a microbiologia, então em seus primórdios. Conta ele em sua tese de doutoramento sobre doenças transmitidas pela água (grafia da época):

“Desde o primeiro dia em que nos foi facultado admirar o panorama encantador que se divisa quando se colloca os olhos na ocular dum microscopio; desde que vimos, com o auxilio desse instrumento maravilhoso os numerosos seres vivos que povoam uma gotta d’água; desde que aprendemos a lidar com o microscopio, enraizou-se em nosso espírito a idéia de que os nossos esforços intellectuaes d’ora em diante convergiriam para que nos instruissemos, nos especialisássemos numa sciencia que se apoiasse na microscopia.”

Formado e recém-casado, Oswaldo Cruz decidiu aperfeiçoar-se em microbiologia em Paris; afinal, lá ficava o Instituto Pasteur, fundado pelo pai da microbiologia, lá estavam os expoentes da especialidade. Além do Instituto Pasteur, estagiou em várias instituições. Mas, voltando ao Brasil, teve de se resignar aos “bicos” que comumente sustentavam, e sustentam, os médicos. Em outubro de 1899, porém, foi convidado a formar, junto com dois famosos cientistas de São Paulo, Adolpho Lutz e Vital Brazil, uma comissão encarregada de investigar casos suspeitos de febre bubônica em Santos. Esse convite representava um reconhecimento oficial de suas qualificações. Oswaldo não hesitou em aceitá-lo. Fez os exames laboratoriais e concluiu que se tratava mesmo de peste. O relatório, porém, foi posto em dúvida. O diagnóstico de peste prejudicaria as atividades do porto de Santos, através do qual escoava-se boa parte da produção de café. Mas laboratórios europeus confirmaram as conclusões de Oswaldo, cujo prestígio, evidentemente, cresceu. Foi convidado para trabalhar no Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro. Mais tarde assumiu o cargo de Diretor de Saúde Pública. Em circunstâncias difíceis: as pestilências grassavam no Rio de Janeiro, fazendo com que os navios estrangeiros evitassem a antiga capital federal, o que comprometia a viabilidade econômica do país. Mas Oswaldo enfrentou a tarefa com extrema competência e também com muito autoritarismo, através das chamadas campanhas, cuja inspiração era nitidamente militar. Começou pela febre amarela. Havia controvérsias acerca dessa doença; muitos médicos, inclusive professores da Faculdade de Medicina, achavam que a causa seria um hipotético bacilo transmitido pelos alimentos ou pelo solo. Oswaldo, baseando-se em trabalhos feitos em Cuba, defendia a hipótese da transmissão por mosquitos, e organizou brigadas de mata-mosquitos, para combater os focos dos insetos. Apesar do ceticismo da imprensa – Oswaldo era um alvo predileto para os chargistas e humoristas – e de boa parte da população, a campanha teve êxito: os casos de febre amarela diminuíram consideravelmente. A seguir, voltou sua atenção para a peste bubônica. Tratava-se de desratizar a cidade, e para isso Oswaldo lançou mão de um expediente: assim como a recente campanha contra armas, ele pagava por ratos

mortos. De novo, a gozação foi enorme – e aumentou quando apareceu um cidadão chamado Amaral, que criava ratos para vender ao governo. Mas, de novo, a campanha teve êxito.

O alvo seguinte seria a varíola, para a qual existia, há mais de cem anos, uma vacina, introduzida pelo médico inglês Edward Jenner. Através de um novo regulamento sanitário, logo apelidado de “código de torturas”, Osvaldo Cruz tornou a vacinação obrigatória. Esta medida foi muito mal recebida pela população. Dizia-se que a vacina poderia matar ou, no mínimo, deixar a pessoa com cara de bezerro. Também corria o rumor de que as vacinas eram feitas com sangue de rato, aqueles mesmos que o governo comprara na campanha contra a peste.

Mais. A vacina era aplicada com uma espécie de estilete, nos braços ou nas pernas. Isso, para mulheres, configurava uma ofensa ao pudor, coisa que os vacinadores, às vezes pessoas grosseiras, não levavam em conta. Dizia uma canção da época: “Chega o tipo e logo vai/ enfiando aquele troço,/ lanceta e tudo mais(...)/ A lei manda que o povo,/ o coitado do freguês,/ vá gemendo pra vacina,/ ou então vá pro xadrez./ Eu não vou neste arrastão/ sem fazer o meu barulho.”

Como se tudo isso não bastasse, havia ainda uma importante questão trabalhista: para conseguir emprego, era necessário o atestado de vacinação, fornecido por médicos particulares, que cobravam pelo documento. Isso deixava revoltado o nascente movimento sindicalista brasileiro. Também se opunham à medida os positivistas, que valorizavam a ciência, mas viam na vacinação um atentado contra a liberdade individual, um “despotismo sanitário”, nas palavras do líder positivista Teixeira Mendes, médico ele próprio. Em consequência disso tudo estalou a chamada Revolta da Vacina, que transformou o Rio de Janeiro num campo de batalha. O governo afinal recuperou o controle da situação, mas a imagem de Osvaldo Cruz estava muito prejudicada. Sua demissão do cargo parecia questão de tempo. A vacinação obrigatória foi suspensa (com resultado desastroso: em 1908 eclodiu novo surto, com quase 10 mil casos). Estava claro que Osvaldo Cruz já não teria o mesmo poder, ainda que posteriormente, e graças a um prêmio internacional, houvesse recuperado o prestígio. Acabou deixando o cargo de Diretor de Saúde Pública, para fundar

o instituto de pesquisas que hoje leva o seu nome. Participou ainda de viagens pelo interior do Brasil, sempre ligadas a problemas de saúde pública.

Em 1911 foi lançada a candidatura de Osvaldo Cruz à ABL, na vaga do poeta (*As Pombas*) Raimundo Correia. De imediato desencadeou-se a polêmica: deveria a Academia aceitar alguém que não era conhecido como escritor? Osvaldo Cruz era homem culto, estava familiarizado com a literatura de sua época, inclusive e principalmente a francesa, com a qual tomara contato durante sua permanência em Paris: era, por exemplo, leitor de Baudelaire. Mas seu adversário, Emílio de Menezes, era poeta e freqüentador das rodas literárias, sobretudo aquela que se reunia no Café de Londres, à rua do Ouvidor. Osvaldo, por sua vez, era obrigado a reconhecer que nunca se lançara à tarefa de “perpretar versos”. Os defensores de sua candidatura lembravam que a Academia Francesa, que servira de modelo para a ABL, acolhera cientistas como Buffon, Cuvier, Louis Pasteur, Claude Bernard e também o construtor do Canal de Suez, Ferdinand de Lesseps, que não era exatamente o melhor exemplo da associação de literatura com outras áreas da atividade humana; quando de sua candidatura à Academia Francesa Lesseps apresentara, como prova de talento literário, uma carta à irmã em que descrevia o nascer do sol em Suez.

A polêmica se prolongou mesmo depois que Osvaldo Cruz venceu a eleição por 18 votos contra 10. Nos debates mantidos na própria sessão da eleição, e nas seguintes, Salvador de Mendonça, que defendia a tese dos “expoentes”, segundo a qual a ABL deveria acolher expoentes de várias áreas, propôs que fossem reservados “três ou quatro lugares” para figuras destacadas. A proposta não deixa de ser curiosa e significativa. Primeiro pela imprecisão, “três ou quatro”. Em segundo lugar, de onde haviam saído esses números? Que espécie de raciocínio, ou cálculo, conduzira a eles? O rigor quantitativo, que é um dos característicos do método científico (tudo o que é verdadeiro pode ser expresso em números, dizia o cientista Lord Kelvin), aí está ausente.

A posse de Osvaldo, em 1913, foi aguardada com muita curiosidade. Como escreveu, no *Jornal do Brasil*, o Conde Afonso Celso, aludindo ao discurso de posse: “Vai ser posta à prova sua capacidade literária.” Não é de admirar que, no dia da

posse, o salão no qual se realizava a cerimônia, verdade que pequeno, estava lotado. O acadêmico (e médico) que o recebeu, Afrânio Peixoto, naturalmente defendeu o duplo colega, lembrando a dificuldade de separar o texto científico do texto literário: “Homero é acusado de ter escrito em versos um guia de viagens pelo Mediterrâneo: é a *Odisséia*. As *Geórgicas* são um tratado de meteorologia aplicada, de agricultura e de economia rural, pedido por Augusto a Virgílio.” Dirigindo-se a Osvaldo, disse: “Vós sois como os grandes poetas que não fazem versos; nem sempre estes têm poesia e ela sobeja na vossa vida e na vossa obra.”

Como se esperava, Osvaldo fez uma análise da obra poética de Raimundo Correia. Mas não deixou de introduzir em seu discurso elementos médicos. Sateizou o “verdadeiro pavor” que seu antecessor tinha de doenças: “Certa ocasião, de caminho para Ouro Preto, teve de pernoitar na Barra do Piraí. Ao descer à cidade, encontrou-se com um doente que lhe informaram estar atacado de varíola.” Raimundo Correia, segundo Osvaldo, entrou em pânico: “Contava as pulsações. Sentia a cabeça estalar, estava nauseado; não havia dúvida, era a sintomatologia da varíola.” Hipocondria? Talvez, mas até certo ponto explicável, numa época em que a varíola fazia vítimas sem conta. Osvaldo também aludiu às drogas de que Raimundo Correia fazia uso para “estimular a inspiração” e à sua dependência do fumo, que não abandonava porque “se deixo de fumar não cantarei mais, e, não cantando, morrerei mais depressa.” E conclui Osvaldo: “Não deixou de fumar, o poeta, e morreu cantando.” É interessante lembrar que o próprio Osvaldo tinha advertido seu filho contra o tabagismo; quando o rapaz lembrou que o pai também fumava, de imediato abandonou o hábito.

A polêmica das duas culturas hoje entrou em declínio. No caso da medicina, uma expressão-chave é humanização do atendimento. E esta prioridade, por sua vez, exige mudanças na formação médica, mudanças que reforcem o lado humanístico da profissão, relegado a um segundo plano pela predominância dos aspectos científicos e tecnológicos. No programa de ensino de muitas escolas médicas já figura um conjunto de disciplinas que são as humanidades médicas e que incluem o estudo de textos literários referentes à doença e à prática médica. Cultor da boa literatura, Osvaldo Cruz sem dúvida aplaudiria esta tendência.

O irrelevante e o significativo

HELIO JAGUARIBE

Em última análise, tudo é irrelevante. Deus não existe. O Homem não tem uma alma imortal. O mundo em que vivemos é um dos eternos ciclos do cosmos, inaugurado por uma explosão configurativa do que atualmente existe, ocorrida há cerca de 13,7 bilhões de anos, que será seguida por um “Big Crunch” dentro de alguns bilhões de ano, eliminador da entropia do ciclo que termina, seguindo-se-lhe novo “Big Bang”, num processo sem fim e, o que é mais importante, sem nenhuma finalidade. O mundo é um eterno sistema consequencialista, destituído de qualquer propósito. Dentro desse macrociclo ocorrem ciclos menores, como o relacionado com o sistema solar, que teve começo mais recente e terá fim mais recente, no âmbito do qual se desenvolve o ciclo da Terra e o miniciclo da espécie humana.

Do ponto de vista cósmico a vida e a morte de um homem e as de um inseto são igualmente irrelevantes. Isto não obstante, o que é irrelevante, no curto prazo do ciclo humano, é essa irrelevância úl-

Acadêmico,
nono ocupante
da Cadeira
n.º II, eleito em
3 de março de
2005 na
sucessão de
Celso Furtado.

tima das coisas. Dentro de um mundo destituído de sentido, a vida, eventualmente ocorrida no planeta Terra – e provavelmente em inúmeros outros planetas extra-solares –, é finalística em si mesma e gerou, também provavelmente em outros sistemas estelares, um ser teleológico que é o homem. Independentemente da falta geral de sentido do cosmos, a vida do homem tem o sentido que este lhe der. Conforme esse princípio, inerente à condição humana, em função do qual o que é irrelevante é a irrelevância geral das coisas, a vida do homem tem para ele necessariamente sentido e, conforme as opções que assuma, no curtíssimo prazo de sua efêmera existência será, aí sim, irrelevante ou significativa.

Nesse mundo destituído de sentido, ocorreu a uma determinada espécie de primatas, a humana, o fato de haver evolutivamente adquirido, em virtude do desenvolvimento de facultades racional-volitivas, uma liberdade que transcende seu sistema psicofísico. Todos os animais, dentro de seu respectivo nicho vital, seguem as tendências decorrentes de seu sistema psicofísico. No caso do homem, sua liberdade racional-volitiva lhe permite opções que transcendem seu repertório instintivo e possibilitam escolhas que se referem a valores transcendentais de ordem ética, social e cultural. Ao homem é dada a possibilidade de perseguir tais valores ou, diversamente, de se restringir a seu repertório psicofísico. A transcendência humana é uma faculdade possibilística, não determinativa. Dispõe assim o homem da possibilidade de imprimir um sentido transcendente a sua vida ou, diversamente, de ter uma vida insignificante, restrita ao atendimento de suas necessidades psicofísicas. Cosmicamente, o que o homem faça ou deixe de fazer é igualmente irrelevante. Relevância é algo que se restringe ao espaço humano.

A dimensão da transcendência dentro do espaço humano é extremamente ampla e comporta muitos níveis de significatividade, dos mais simples aos mais sublimes. Há formas elementares – mas não humanamente irrelevantes – de transcendência, consistentes, simplesmente, no obrar bem, no exercer corretamente as funções que socialmente incumbam a um indivíduo. Ser um homem de bem é, humanamente, um exercício de transcendência. No extremo do

caso, há níveis sublimes de transcendência humana, como salientou Max Scheler, ao falar do santo, do herói e do gênio.

O próprio da condição humana é esse contraste entre a irrelevância geral e última do mundo e a relevância que o homem pode dar a sua vida. A relevância da vida humana se exerce de forma puramente subjetiva. É uma relevância auto-assumida, que pode, como tal, alcançar o nível do sublime e pode, eventualmente, ultrapassar o plano puramente individual e se tornar uma relevância social ou histórica. Há, entretanto, homens extraordinários que, por diversas razões, não logram reconhecimento social e há, diversamente, pessoas de modesta significação que, não obstante, obtêm amplo reconhecimento público, como freqüentemente ocorre no domínio da política.

O reconhecimento social é, sem dúvida, um importante aspecto da relevância humana. É o que acontece com pessoas que logram o reconhecimento de sua santidade, de seu heroísmo ou de seu gênio. Esse reconhecimento tende a ocorrer para os homens que alcançam níveis sublimes de qualificação, como São Francisco, Epaminondas ou Leonardo da Vinci. São, entretanto, mais numerosos do que usualmente se pensa os homens excepcionais que não logram nenhum reconhecimento público. Se é certo, sem dúvida, que tal reconhecimento é extremamente reconfortante para os homens de alta qualidade, não é menos verdade que a significação da vida, para cada homem individualmente, depende do grau de transcendência que efetivamente haja alcançado, independentemente do reconhecimento público. A transcendência é válida por si mesma. Seu reconhecimento público diz respeito a uma dimensão conexas, mas separada, que é a da fama.



A grande luta

JOSE ALTINO MACHADO

Entrou no quarto cuidadosamente, procurando não ser sentido, buscando recantos escuros próximos à cortina da janela e ficou quieto, imóvel, certificando-se de não ter sido visto. Após alguns minutos, adquiriu confiança. O casal permanecia na cama conversando sobre assuntos banais: filhos malcriados, empregada desordeira e rapace, problemas com o chefe na repartição, programa para o fim da semana. Tudo revelava não terem sequer suspeitado de sua presença, bem próxima.

Mais adiante viu quando se acariciaram, beijaram-se rapidamente, deram-se boa noite e apagaram o abajur de cabeceira. Continuou estático atrás da cortina, aguardando; não tinha pressa, a noite apenas começava e até clarear o dia poderia agir, desde que tomasse as cautelas necessárias, não se expondo ou cometendo imprudência.

Cerca de uma hora mais tarde, ouviu o ronco de ambos, voltados um para o outro na cama larga. Sentiu segurança e saiu da posição, postando-se ao lado do guarda-roupa, perto dos dois que pareciam

José Altino Machado, natural de Taubaté, Estado de São Paulo. É membro da Academia Cristã de Letras e, desde 1997, ocupa a Cadeira n.º 15 da Academia Paulista de Letras. É autor de cinco livros de contos: *A Figura Refletida*, *A Outra Gessy* (ambos receberam Menção Honrosa nos nono e décimo “Prêmio Nacional do Clube do Livro”), *A Primeira Vez*, *Um Rosto na Janela* e *Reencontros*.

dormir profundamente. Abeirou-se, então, do criado-mudo, iluminado pelo mostrador fosforescente do radiorrelógio. Continuavam inertes e ele se aventurou. Bem de leve, pousou na mão da mulher, pois sempre dava preferência ao sangue feminino, achava-o mais puro, mais ralo, mais leve, mais doce. O do homem, sabia-o grosso, pesado, de difícil absorção; a pele da mulher era, por outro lado, mais fina, lisa, delicada; o ferrão entrava sem risco de se quebrar. No homem, a pele era áspera e os pelos atrapalhavam.

O local predileto era o colo, de preferência os seios, embora fosse difícil encontrá-los expostos, mormente na época de frio. No calor, por vezes deparou corpos desnudados e pôde escolher à vontade o ponto da picada.

A mão se mexeu e ele saiu, rápido, antes que o esmagasse. Todo o cuidado era pouco. Voltou para o teto, longe do alcance; evitava precipitar-se. Meia hora mais, novamente desceu no braço dobrado, fora do lençol verde. Nenhum movimento. Ele espichou o ferrão e começou a introduzi-lo, vagarosamente, num poro mais largo, na parte inferior do antebraço, sobre tênue veia azulada. De súbito: *plaft!* Um tapa forte, a luz foi acesa, formou-se um burburinho, mal teve tempo de safar-se. O vento da mão impulsionou-o para baixo, ele assentou-se ao pé da cama.

– Tem pernilongo no quarto, querido.

– Onde? Não senti nada.

– Pois eu senti. Estava me picando. Vamos procurá-lo, não consigo dormir com esses miseráveis chupando a gente!

– Tudo bem, deixe-me pôr os óculos. Apanhe a toalha de rosto no banheiro, umedeça-a; logo mato esse bicho desgraçado.

Rente ao chão, ele estava apavorado. Fora armadilha, ela fingira estar dormindo. Quase foi apanhado, exatamente como na noite anterior; falsa, traidora! Ela me paga, pensava; se escapar desta, chupo-lhe todo o sangue. Ouviu barulho de passos, os dois andavam pelo cômodo, sacudindo as cortinas, afastando móveis, iluminando todos os cantos com luz forte.

– Olhe ele ali! Dê-me rápido a toalha, vamos, antes que fuja!

– Onde?

– Aqui. Ah! Você demorou, ele escapou; veja do outro lado, deve estar passando por baixo.

Realmente, voara com risco de vida sob a cama e se escondera atrás da porta que dava para o corredor. Confiava em que não o procurariam lá; pelo menos não o fizeram na noite passada.

De repente, mexeram na porta e ele se viu exposto à claridade, inteiramente a descoberto. Passaram a jogar toalha dobrada, chinelos, paletó de pijama, até a camisola ela tirou, transformando-a em petardo. Quase foi atingido, mas escapou, entre um arremesso e outro, pelo túnel ermo e sombrio do corredor. Assustado, pensou: ainda bem que não se valeram de armas químicas; limitaram-se à bateria antiaérea...

– Vamos dormir, meu bem. Acho que o matamos. Amanhã comprarei nova bomba inseticida.

– Não suporto o cheiro do produto, prefiro o pernilongo.

– É, mas não há outro jeito...

Distante, no fundo do corredor, ele recordava os sábios conselhos da mãe: não tenha pressa, meu filho, e nem esmoreça; prefira o escuro e evite os ouvidos. O homem tem nos ouvidos o ponto mais sensível do corpo; neles deve se localizar o cérebro humano. O rosto do homem é região acidentada, a montanha principal é o nariz, com duas cavernas profundas; as orelhas, onde ficam os ouvidos, vêm em seguida: duas abas enormes, radares poderosos, que detectam zumbidos e acionam braços e mãos para a nossa morte. Os olhos são sensíveis, mas inofensivos; a boca é cavidade perigosa, aprisiona e destrói os insetos descuidados que nela adentram à procura da língua, saborosa. Os homens são selvagens, brutos e nada inteligentes. Bastariam cortinados e os pernilongos morreriam de fome; mas são comodistas, acham que juntam poeira e preferem guerrear. Quando não matam logo – o homem só pensa em matar –, insistem na batalha até ficarem cansados e caírem no sono, entregando-se. Aí tudo fica bem. O ferrão entra fácil, o sangue escorre que é uma beleza!

Ele achava que aquele momento chegara e se preparava para a sucção. Achava mais: como é fácil lutar contra o homem: ele repete a mesma técnica todas as noites: atira tudo que tem à mão. Certa vez arremessaram-lhe um despertador, que não o alcançou e se desfez todo; teve pena. Difícil é lutar contra a lagartixa, esta sim, sabida e viva, artilosa e inteligente. Dificílimo enfrentar a deusa-aranha, que tece sua teia quase invisível. Não há pernilongo, por mais bem dotado, que lhe escape, quando faminta. Já a papa-mosca é espertíssima, mas dá para se defender. Depois do homem, é o animal mais burro...

Sempre seguindo a ponderável orientação materna, somente depois de passado longo tempo, retornou ao dormitório. Os roncos se haviam reativado, fortíssimos. Exausto, o casal se rendia. Então, ele esnobou: esticou o ferrão e o introduziu lenta e prazerosamente no pescoço do homem, chupando meia gota de sangue grosso. Logo em seguida, com toda calma, outra meia gota, doce, leve e gostosa, do apetitoso seio feminino...

Afinal, deixou o quarto, voando solto e feliz, zumbindo alto, realizado, risonho e feliz com a vitória alcançada, pesado, barriga cheia de sangue, que digeriria pela semana inteira. Voou ao encontro dos seus, orgulhoso e certo de que seria recebido como herói: derrotara o homem, ganhara a grande luta da noite...

Presentes vazios

JOSÉ PASTORE

“Faz de conta que os sabugos são bois...
faz de conta... faz de conta...
e os sabugos de milho magem como bois de verdade...
e os tacos que deveriam ser soldadinhos de chumbo são
cangaceiros de chapéus de couro...

.....
O menino poisa a testa
e sonha dentro da noite quieta
da lâmpada apagada
com o mundo maravilhoso
que ele tirou do nada...
(Jorge de Lima, Obra Poética)

Sociólogo, Ph. D. e
Doutor *Honoris*
Causa pela
University of
Wisconsin,
Madison,
Wisconsin, Estados
Unidos e professor
titular da
Universidade de São
Paulo no campo da
educação e do
trabalho. É autor de
35 livros, mais de
500 artigos e vários
ensaios sobre a
situação dos jovens,
das mulheres e dos
idosos no mercado
de trabalho. É
membro da
Academia Paulista
de Letras e da
Academia
Internacional de
Economia e Direito.

Foi no Rio de Janeiro. Hora do almoço. Num restaurante muito pequeno. Tipo bistrô. Mesas separadas por milímetros. Ouvir a conversa dos vizinhos era inevitável. Aliás, sempre me intriguei com isso. Se não queremos ver, basta fechar os olhos. Mas, se não queremos ouvir, não há como fechar os ouvidos – só saindo de perto.

Mas essa era a última coisa que eu queria fazer. A conversa na mesa ao lado estava por demais interessante. Duas jovens mães, não

tinham mais do que 35 anos, conversavam sobre seus filhos. Gente de classe média alta. Pelo que vestiam podiam ser até da elite. A loira portava um modelo alinhadíssimo, tipo *tailleur*, certamente de linho importado, amarelo-canário, com um belo lenço marrom italiano envolvendo o pescoço. A morena estava mais esportiva, com uma calça branca, também de linho, e uma blusa fina de golas largas e botões prateados. As duas discretamente maquiadas, poucas jóias, pele bem tratada – muito bonitas.

O tema eram os presentes que foram dados às crianças no último Natal. Listas infundáveis. Senti nelas uma ponta de competição. Cada uma tinha um casal de filhos, entre oito e doze anos, estudando na mesma escola. Os presentes de uma eram sempre suplantados pelos da outra. Concorrência acirrada.

E quantos presentes! Uma enxurrada de objetos da moda: roupas de grife, os últimos modelos de tênis importados, patins com freios e sensores remotos, aparelhos eletrônicos dos mais variados, robôs, casas de bonecas com figurinos completos, bicicletas de aço-carbono, controles remotos e outros modismos que a indústria de brinquedos não deixa passar em branco.

Fiquei com a nítida sensação de que os quartos eram insuficientes para acomodar os presentes de Natal – o que dizer dos que foram ganhos ao longo do ano, no aniversário, dia da criança, Páscoa e outros dias festivos e não festivos. Nessa classe social, todo e qualquer dia é pretexto para presentear as crianças.

As moças eram advogadas. Falaram muito da atribuição de seus escritórios e da dureza da vida do Fórum, sempre com prazos exíguos e trabalho crescente. A sorte, diziam elas, é que temos boas empregadas. Mesmo porque, com nossos maridos não podemos contar. Além de sua sobrecarga de afazeres, nenhum dos dois abre mão das partidas de tênis, do pôquer à noite e da cervejinha no fim do expediente.

Tempo para as crianças, muito pouco. Para elas, o jeito era se desdobrarem, encenando o papel de pai e o de mãe. Um claro sentimento de culpa estava estampado em cada frase que falavam. Tudo me indicava que presentear era uma boa das formas para aliviá-lo. Afinal, para as mães, presentear tem o significado de um gesto de afeto e de amor. E nada mais precioso do que os filhos.

Quanto mais falavam sobre a profusão dos pertences das crianças, mais eu me lembrava das aulas que tive sobre a sociologia do presente, assunto sistematizado por Marcel Mauss, e avançado por vários outros sociólogos que se dedicaram a entender a troca de gratificações e punições entre as pessoas e o seu papel na conduta futura.

A conversa contrastava também com a minha própria infância. Sou filho da classe média. Não da classe média alta. Apenas, média-média. Meu pai era contador durante o dia e professor de português durante a noite. Jornada dupla. Nos fins de semana, dedicava-se à literatura e à encenação de peças com seu grupo de teatro amador. Minha mãe cuidava de minha irmã, de mim e da casa, além de ajudar nas finanças domésticas fazendo serviços de costura.

Minha infância foi como a da maioria dos meninos da época. Brincava nas ruas calmas do bairro da Lapa, na capital de São Paulo, a maioria sem asfalto e com pouquíssimo movimento. Ia e voltava da escola a pé, junto com minha irmã, sem nenhum perigo. Bons tempos.

Os brinquedos que usávamos eram dos mais simples. Lembro-me bem de uma boneca de louça que minha irmã ganhou num de seus aniversários. Tinha os cabelos pretos, curtos e encaracolados. Era a sua companheira de todas as horas. As duas se davam muito bem. Entre elas, afeto é que não faltava. Zelo tampouco. O vestido original era de chita estampadinha. Minha mãe o trocou várias vezes. A boneca varou anos, mesmo porque não havia nenhuma outra para entreter.

Os meus brinquedos eram artesanais. Meu tio e padrinho era chefe da manutenção da São Paulo Railway – a SPR. Tinha enorme habilidade em marcenaria. Até hoje uso, no meu trabalho, uma mesa que ele fez. Na ferrovia, cuidava de todos os vagões. Os da primeira classe tinham bancos de palhinha, com um encosto protegido com uma toalha de linho, tudo muito bem conservado. Os da segunda classe eram de madeira clara, sempre limpa, dava gosto de sentar. A manutenção requeria carinho e arte.

Sua oficina em casa era um primor. Tudo muito bem-arrumado. Ferramentas limpas, cada uma em seu lugar. Com elas, passava os fins de semana ensi-

nando a meus primos e a mim os segredos do seu ofício e a importância da ordem e da limpeza.

Ali aprendi a construir meus próprios brinquedos. Comecei muito modestamente com um caminhãozinho feito de tábuas de uma caixa de bacalhau importado. Todas de pinho de riga, que vinham da Europa, talvez da própria Letônia, cuja capital é Riga.

Fui evoluindo. Cheguei a fazer um carrinho de rolimã com o qual brinquei anos a fio. Um sucesso entre as crianças! A cada seis ou sete meses, pintava-o de cor diferente, para dar a impressão de novo. Era muito cobiçado por todos os garotos da rua e adorado por mim. Afinal, fui eu quem o fez.

Tempos bastante diferentes. Poucos presentes, mas de muito significado. Não se presenteava em profusão porque não existia o que dar. A indústria de brinquedos engatinhava. Os poucos existentes eram caríssimos. As famílias não tinham poder de compra. Nunca tive um trem elétrico. Mesmo assim nos divertíamos. Quantas e quantas vezes eu e meus amiguinhos dávamos a volta no quarteirão, fazendo toque-toque, montados em um valente cavalo que nada mais era do que um cabo de vassoura, adornado na ponta!

Hoje, tudo mudou. Novos materiais foram criados. Os processos de fabricação evoluíram. Os brinquedos são sofisticados, bonitos e acessíveis. Preços imbatíveis.

Além do carrinho, tinha uma coleção de quatro piões de madeira. No jogo, com os meninos da rua, quem perdia entregava um pião. Ah! Que dor no coração. Cada um tinha nome próprio. O “batatinha” era o mais querido. Faziam parte das minhas amizades. O relacionamento com os brinquedos era envolto por um grande afeto. Todos diziam muito para mim.

Assim passei a infância, brincando com garotos da redondeza e acostumados com a inevitável parcimônia no uso dos brinquedos.

Que distância a conversa da mesa ao lado! A quantidade de brinquedos ali descrita era tanta que, aos meus botões, perguntava: Como será o relacionamento emocional entre essas crianças e seus brinquedos? A dispersão da atenção deve ser enorme, havendo momentos em que elas não sabem com o que

brincar por não ter apego a nenhum deles. Aquela profusão deve enfiar o anseio pelo próximo. Acho que são crianças que só sabem pedir. E que raramente recebem uma negativa.

Ao mesmo tempo em que refletia sobre tudo isso, meu rosto esboçou um sorriso que foi flagrado pelas moças. Encabulei-me. Não gosto de ser metido.

Mas, ao contrário do que eu esperava, com cordialidade e humor, que são próprios dos cariocas, uma delas me disse, sorrindo: “O senhor também tem esses problemas?” Aproveitei a deixa e fui logo dizendo:

– Tenho mais de 70 anos. O abismo entre o que eu ouvi e a minha infância é enorme. Tudo mudou no mundo dos brinquedos, embora, atrevo-me a dizer, nada tenha mudado no ato de presentear.

– Como assim? indagou a loira.

– Podemos pedir mais um café? perguntei.

– É claro, disse a morena. Não o convido para sentar em nossa mesa porque não há lugar e, ademais, já estamos juntos, até no tema.

– Obrigado. Também não quero ser intruso. Mas, se desejam saber o que penso, aí vai. Na minha modesta opinião, presentear é um ato cheio de nuances, envolve o dar, o receber e o retribuir e provoca reações diferentes em quem recebe.

– Como assim? indagou uma delas.

– As pessoas presenteiam por muitos motivos, em especial, para dar e obter prazeres. Muitos presentes são oferecidos por amor e amizade. Outros são dados para cumprir a obrigação de retribuir. Há ainda os que se guiam pelo puro interesse, que pode chegar até o suborno e a corrupção. Há ainda os presentes de grego, que vão carregados de maldade.

– Mas essa é uma visão assombrosa de uma coisa tão simples, disse a morena.

– É claro que esse não é caso de vocês. As mães presenteiam para dar e buscar prazer. Por amor.

– Ainda bem..., relaxou a morena

– Mas não posso deixar de dizer que há mães que presenteiam por remorso.

– Remorso de quê?, perguntou a morena, com o toque de irritação.

- Remorso de não poder ter dado outras formas de prazer...
- Entendi..., disse a morena
- Que conversa pesada, atalhou a loira.
- Vocês já perceberam que, ao presentear, a pessoa oferece uma oportunidade para o presenteado se mostrar grato, e retornar alguma coisa nos campos material ou afetivo?
- O senhor não acredita no dar sem finalidade? Não é isso que se faz quando se ama?
- Sem dúvida. Mas será que qualquer um de nós, mesmo no amor, continuaria dando indefinidamente sem receber nada da pessoa amada?
- Sim, mas eu dou porque amo. E ponto final, disse uma delas.
- Isso é saudável. É indicador do verdadeiro amor. Mas, além de amar, nós queremos ser amados. Não acham?
- Isso é verdade, disseram em uníssono. Mas e o amor da mãe? Não é o dar mais desprezioso que existe? Qual é a retribuição buscada pela mãe?
- Penso que é ver a felicidade do filho, acrescentei.
- Realmente, concordou a morena.
- Indaguei: ver um filho feliz não é um grande presente para a mãe? Os pais esperam que, ao praticarem um ato de amor (presentear), farão os filhos mais felizes – o que para os adultos é uma grande retribuição.
- Com isso estamos de acordo. Esta conversa está ficando boa, disseram.
- Eu também estou gostando, aduzi.
- Mas a loira, intrigada, perguntou: o que há de errado no ato de presentear nos dias de hoje?
- Quem sou eu para dizer o que é certo e o que é errado. Não sou dono da verdade. Mesmo porque cada pessoa reage de um jeito. Mas observo muito a evolução das crianças e adolescentes, em especial dos meus próprios netos e também dos netos dos meus amigos. Quando o presentear é excessivo, acredito que a maioria das crianças não responde da maneira que os pais esperam.
- Cheguei a esse atrevimento porque essa era uma queixa das duas jovens.

– Aliás, ouvi vocês dizerem que, apesar de todo o carinho com que lotam o quarto de seus filhos, estes se limitam às respostas momentâneas e monossilábicas, o que as incomoda muito, e com razão. Penso, porém, que os monossílabos têm sua razão de ser.

– Qual é?

– Vejam se estou errado. No ritmo com que vocês presenteiam, penso que, quando eles se preparam para responder, recebem novos presentes que desviam sua atenção e os fazem esquecer da retribuição.

– O senhor parece ter pensado muito sobre esse assunto. Qual é a sua profissão?

– Sou sociólogo. Estudo as reações das pessoas, dos grupos sociais e da sociedade.

– Ah! Está explicado. Veja só, fomos abrir nossos corações logo perto de um sociólogo..., brincou uma delas. O que mais podemos aprender?

– O ato de presentear pode ter vários significados. Um deles é, realmente, prova de amor e bem querer, como vocês fazem. Já falamos sobre isso. Mas presentear pode ter outros significados. Muitas vezes, quando o presenteado não tem condições para retribuir, quem dá o presente fica frustrado. Mas nem sempre é assim. Quando um adulto dá um presente que o adulto presenteado não pode retribuir, cria-se uma relação de dependência. É o exercício do poder.

– Nunca tinha pensado nisso, falou a morena.

– Temos aí uma situação em que o presente vira objeto de dominação.

– Sei de um caso como esse.

– Eu conheço muitos. Há ainda outras reações. No mundo dos adultos, os que dão presentes em excesso levantam a suspeita de que estão desejosos de comprar a amizade ou o amor do próximo. Isso interfere com o relacionamento natural e prazeroso.

– Mas isso não ocorre com as crianças, atalhou uma das mães.

– Será que não? indaguei. Desconfio que presentes em excesso afrouxam os laços de afeto das crianças em relação ao presente e ao presenteador. Este passa a ser visto como um ente obrigado a dar e a satisfazer todas as suas vontades.

– Mas as crianças adoram ser presenteadas! Os pais que não presenteiam são rotulados de miseráveis. Já ouvi isso do meu filho mais velho.

– É uma grande verdade, acrescentei. É por isso que a busca do equilíbrio que vale para os adultos, vale para as crianças. A arte de construir o espírito de luta está em evitar os excessos, de um lado e de outro. Aquelas que são presenteadas com parcimônia valorizam os presentes e admiram os presenteadores e aprendem a conquistar aquilo que desejam.

– O senhor falou em valorizar o presente. Penso que a alegria estampada na criança quando ganha um brinquedo de que gosta é prova da valorização. O que mais devemos esperar?

– Certo. A alegria momentânea não pode ser descartada. Entretanto, observem que, nos dias de hoje, a vida afetiva dos brinquedos é muito curta. Mal se recebe um, logo vem outro. Não dá para a criança colocar suas emoções em nenhum deles. Não dá para ela fazer amizades com a boneca ou com o carrinho. Foi isso que deduzi da conversa de vocês. Com as melhores das boas intenções, vocês presenteiam continuamente seus filhos no pressuposto de que isso atende os interesses das crianças. Não estou seguro disso.

– Por quê?

– Porque os brinquedos e os jogos simulam o mundo real e são uma preparação para o dia de amanhã. Eles criam as oportunidades para as crianças ensaiarem o que terão de representar na vida adulta.

– E o que isso tem a ver com o nosso papo?

– Não quero ser professor de nada. Estou aqui relatando o que venho observando. Os pais pensam que, se não presentear os filhos com o que há de mais avançado na tecnologia moderna, as crianças não serão estimuladas o suficiente para viver no mundo de amanhã. Sob a supervisão das supermães e dos superpais, e também dos superavôs e avós, as crianças são constantemente expostas às últimas novidades. Penso que, ao tratá-las como celebridades, esses pais e os avós deixam as crianças atrasadas em outras áreas, em especial a afetiva.

– Nossa! Que complicação... só porque presentearmos!

– Bons brinquedos são aqueles que desenvolvem o apego das crianças, sua imaginação, a criatividade, o carinho, numa palavra – o amor pelo que têm. Os pais parecem não perceber que, ao presentear em excesso, impedem as crianças de apreciar o mais fino, o mais agradável, o mais afetuoso e de desenvolver o zelo pelo que têm. Com frequência, deixam os brinquedos espalhados pela casa ou amontoam-nos em caixas gigantescas. Pobre da boneca que ficar no fundo. Vai ser esquecida. E, na vida, temos de cuidar de tudo e usar o que temos por muito tempo. O zelo é uma virtude essencial na vida e no trabalho.

– Graças a Deus, meu filho zela por tudo o que ganha.

– Bom para ele. Mas tenho dúvidas de que isso aconteça com a maioria das crianças que são superpresenteadas. Em qualquer área, o excesso mais deforma do que forma. A infância sem um pouco de privação ensina pouco. Ninguém pretende voltar à era da repressão e da opressão. Sentir-se como dona do mundo traz problemas. A criança que está plenamente satisfeita nas suas necessidades fica sem ter o que desejar. Conseqüência: fica sem os impulsos para enfrentar as dificuldades da vida adulta.

Pelas reações das mães, senti que estava desagradando. Devo ter falado alguma verdade que doeu ou dito algum disparate que não tinha nada a ver com a vida daquelas jovens. Uma delas me deu a senha para dizer que estava na hora de parar. Interrompendo o nosso papo, mas de forma muito delicada e respeitosa, pediu a conta ao garçom. Entendi a mensagem. Incontinênti, pedi a minha, e nos despedimos – sem mesmo nos apresentar. Não sei o nome delas. E nem elas sabem o meu.

Demorei em pagar minha despesa, o que me levou a meditar um pouco mais sobre o assunto.

Ao caro leitor posso dizer o que faltou falar às duas. Por terem melhor poder aquisitivo, elas entendem que devem usar a velocidade no presentear para evitar que a criança se entristeça por não ter este ou aquele objeto. A educação é sinônimo de proteção contra toda e qualquer frustração. Elas pressupõem que dar continuamente proporciona uma felicidade sem fim. Raramente se preocupam em encontrar um equilíbrio entre a gratificação e a pri-

vação. Isso porque a grande privação dos pais é a falta de tempo para ouvir os problemas das crianças e entender suas emoções. As crianças, ah! as crianças – cheias de riqueza e vazias de amor. Encher as crianças de brinquedos parece ser uma compensação para a falta de atenção. Os pais parecem não perceber que esses excessos retiram da criança o desejo de querer, que, afinal, é a mola da vida. O que esperar de uma pessoa que tem baixa motivação? Que não tem garra para lutar?

O querer, acompanhado de uma boa espera, é uma grande escola para o amadurecimento do ser humano.

Detesto dar lições de moral. O que digo é reflexo de minhas observações, e o leitor pode dispensá-las por inteiro. Mas há também resultados de pesquisa. A sociologia da interação avançou muito.

Fiquei sem dizer muitas coisas. As moças se foram quando ainda montava meu raciocínio. Mas houve de minha parte certa covardia. Não tive coragem de dizer, por exemplo, que o excesso de presentes é uma forma de abuso infantil ou até mesmo de compra de afeto. Penso que as crianças precisam entender que tudo o que os pais têm foi objeto de conquistas, sacrifícios e trabalho. A ética do trabalho não vem por acaso. Não convém permitir aos seus filhos que obtenham o que desejam por meio do choro, da chantagem, das cenas de dor e outras estratégias que a criança, com sua inteligência, usa para dissimular. Na vida adulta essas estratégias não funcionam. Presentear sob medida é ensinar com profundidade e preparar os filhos para as dificuldades que certamente virão.

É interessante observar como aquelas jovens acentuavam o lado menos importante dos presentes – o objetivo – ao relatarem onde compraram, quando compraram e, principalmente, quanto pagaram, esquecendo-se de que ninguém gosta de ter as suas relações privadas medidas em reais ou dólares ou de ver a sua estima transformada em categorias econômicas. A economia dos valores morais difere radicalmente da economia dos valores materiais. As intenções contam muito no primeiro caso. No segundo, nada.

Não podemos esquecer que presentes e sentimentos andam juntos, para refletir o *status* emocional da relação entre o presenteador e o presenteado.

Presentes que são dados com parcimônia têm mais chance de desenvolver na criança tais sentimentos, a ponto de levá-la a zelar pelos mesmos; a ter ciúme de cada um deles; a lutar pela sua posse.

Educar é trabalhoso. Educar leva tempo. Não é fúria de presentear que vai tornar a criança mais feliz, mais tolerante e mais lutadora. Que bom seria se os pais formassem os filhos, explicando como o mundo realmente funciona. Na vida adulta, nunca se tem tudo o que se quer. O adulto estará mais bem capacitado para vencer, se for bem preparado quando criança.

Ficou atravessada na minha garganta uma derradeira frase. Gostaria de ter dito a elas que as frustrações não podem ser preenchidas com objetos materiais. Os seus filhos não serão felizes em função do que vestem ou do que têm, mas sim de como usarem a sua inteligência no seu estudo e no seu trabalho. A grande diferença entre ganhadores e perdedores é que os primeiros fazem coisas que os perdedores não querem fazer.

Infelizmente, a conversa acabou antes da hora. Elas se foram. Despediram-se com muita elegância. Pessoas gentis. Bem educadas. E se desculparam de não poder ficar mais porque estavam atrasadas, pois, antes do trabalho, tinham de passar no *shopping center*. Sei lá para que...